

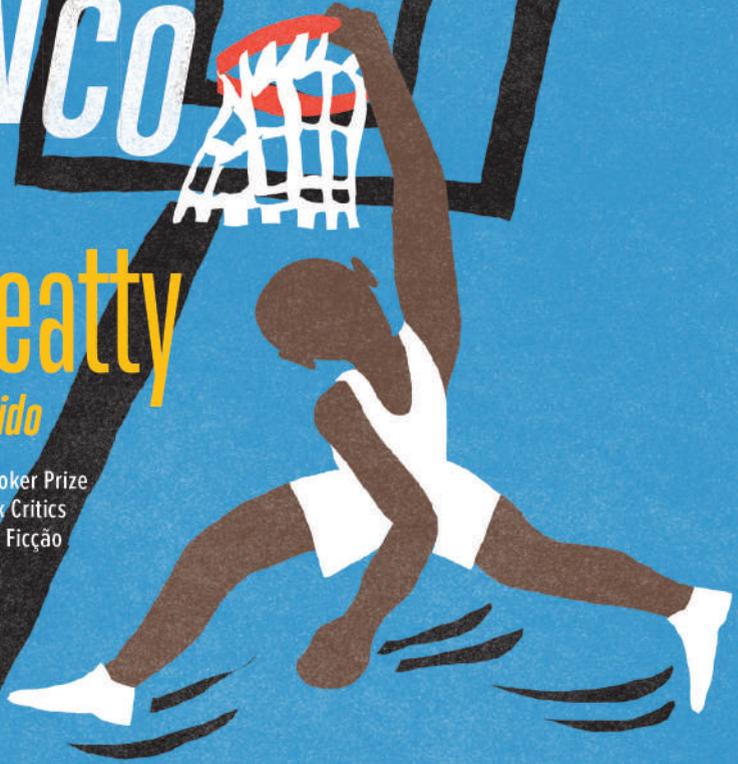
ELSINORE

A DANÇA DO RAPAZ BRANCO

Paul Beatty

Autor de *O Vendido*

Vencedor do Man Booker Prize
e do National Book Critics
Circle Award para Ficção



«Beatty é um talento original e irreverente.» — *The Times*



*A Yvonne Beatty,
minha mãe*

PRÓLOGO

Por um lado, o trabalho de messias é lixado. Por outro, consegui preencher o persistente vazio da liderança afro-americana. Já não há necessidade dos cidadãos de segunda, fartos de esperarem, colocarem um anúncio nos classificados de domingo a dizer:

Demagogo Negro

Precisa de ter a capacidade de guiar um povo dividido, oprimido e alienado até à Terra Prometida. Boas capacidades de comunicação exigidas. Pagamento conforme a aptidão demonstrada. Não é necessária experiência.

Sendo poeta e, portanto, especialista nos caminhos da coação comovente, sou eminentemente qualificado. O meu livro, *Melaninancia*, vendeu 126 milhões de cópias. Tenho a atenção de académicos, dos habitantes das ruas e dos cabalistas políticos. Líder da Comunidade Negra? Não há trabalho para o qual seja mais qualificado.

Não houve entrevista para o cargo. Fui recrutado por 22 milhões de almas, até aqui sem afiliação, para ser Svengali a tempo inteiro e pai adotivo de um povo abandonado. Dou-lhes colheradas de papas de futilidade, desvendando o esquecimento que cobre a existência de uma América negra e o vazio da luta. Em troca, recebo uma obediência fanática de aviário. Para onde quer que viaje, uma longa fila de gansos bebés negros segue, imparável, este bardo baratucho de corda em direção à autodestruição, atravessando a autoestrada da informação sem querer olhar para os dois lados. Se um magnata

do cinema comprar os direitos para o filme sobre a minha vida, a sinopse da *TV Guia* dirá:

Na luta pela liberdade, um jovem poeta relutante convence os negros americanos a abandonarem a esperança e a matarem-se, num final trágico e explosivo. Cheio de gargalhadas e diversão. Alguma violência e linguagem não indicada para crianças.

Na busca pela igualdade, os negros tentaram tudo. Implorámos, revoltámo-nos, entretivemos os outros, tivemos casamentos multirraciais e continuamos a ser tratados como merda. Nada resulta, portanto, para quê sofrer as mortes lentas da dependência tóxica e a ética de trabalho americana, quando nos espera a gratificação imediata do suicídio? Desafiando gloriosamente o instinto de sobrevivência, os Negros dirigem-se para Hillside, Califórnia, como lemingues. Todos os dias, olham para o céu com uma expressão sonhadora, fitando o *smog* da Califórnia à procura de um ponto atômico cinzento metalizado que se expanda gradualmente até explodir a cerca de 300 metros acima das nossas cabeças naturais e processadas. Será a Desintegração da Emancipação. Que se lixem os balcões dos restaurantes, os lugares dos autocarros e as casas de banho executivas; o nosso suicídio em massa será o derradeiro protesto.

Estão todos aqui, a fileira iconográfica dos negros americanos, nos preparativos finais para o Elísio, aproximadamente 500 anos depois da nossa chegada a este purgatório. O tipo bem vestido que distribuía a correspondência na empresa, balbuciando palavras desadequadas através dos vossos esforços paternalistas para fazer conversa de circunstância com ele, pergunta-se se terá deixado o fogão ligado e, depois, ri-se em voz alta com o absurdo que é tudo isto. O inócuo ex-presidente da Câmara democrata da vossa cidade escreve versos elegíacos medíocres sem reconhecer o absurdo que é tudo isto. Aquela bela rapariga negra por quem se babavam nas aulas de ginástica do oitavo ano asseia-se pelo quarteirão à procura de um último coração para partir. A mulher que se sentava ao vosso

lado e agarrava a mala com as duas mãos enquanto esperavam pelo autocarro da manhã, e que depois vos dava uma cotovelada no plexo solar na luta por um lugar sentado, planeia ligar ao chefe, empatar a conversa até ao último momento e, depois, aproximar o telefone da explosão e dizer: «Não vou trabalhar amanhã. Vou-me tornar numa bola de pó de carbono evaporado, caralho. Seu filho da puta escravagista.»

O número da semana passada da revista *Time* identificou-me como o «Flautista de Hamelin de Ébano». Na *U.S. News & World Report*, eu era «o cabecilha do *hara-kiri* étnico». A História vai adicionar o meu nome à lista de messias loucos sentados na sala de aulas do inferno a responder à chamada do Diabo: Jim Jones, David Koresh, quem quer que tenha liderado a carga da Brigada Ligeira, Charles Manson, o General Westmoreland e eu. Estas páginas são as minhas memórias, os despojos de batalha de um desertor assustado na eterna luta pela civilidade.

«MAMÃ BEBÉ,
PAPÁ TALVEZ»

UM

Ao contrário do típico negro-*mojo*-mágico dos blues da terra e do povo e do macacão de ganga que é nobre-diante-do-rosto-do-racismo-labrego, ena pá! caramba, protagonista vencedor do Prémio Pulitzer!, não sou o sétimo filho de um sétimo filho de um sétimo filho. Gostava de ser, mas o destino foi-me curto por seis irmãos e três tios. Os chefes tribais e as rainhas que estão sentados no topo do velho Kilimanjaro excluíram-me do testamento. Não me deixaram nada, os forretas de merda. Roubaram-me cruelmente a herança mitológica, os meus superpoderes aborígenes. Nunca tive a capacidade divina de aniquilar os malfeitores da política racial com um cântico tribal, o agitar de um bastão de feiticeiro cravejado de contas e um olhar furioso. Talvez algum dos broncos da família tenha feito merda e ofendido os antepassados. Talvez tenha chateado os deuses, talvez tivesse havido demasiada abra na cadabra e, graças a isso, os filhos tenham agora de sofrer pelos pecados do pai.

O meu nome é Kaufman, Gunnar Kaufman. Sou o Orestes negro na amaldiçoada Casa de Atreu, condenado por um ADN de joelhos fracos a tropeçar nos passos de uma longa e covarde linha de pretos, de Pais Tomás e fiéis servos amacacados. Sou o primeiro filho de um filho da puta sem espinha dorsal atingido pela cor, terceiro filho de um criado bajulador, um negro vendido que era, esse sim, um sétimo filho, mas apenas por acidente. (O avô Giuseppi Kaufman rebolou para cima do seu gémeo mais velho, Johann, enquanto este dormia, sufocou-o e reclamou para si o desejado estatuto de sétimo filho.) Os meus pais, desde o dia em que nasci, sempre me inculcaram a ideia de que as escapadelas surreais e os teatrinhos do «mim a ir, patrão» dos meus

antepassados eram coisas dignas de idolatria. Os seus feitos decisivos e as suas façanhas à Pai Tomás foram-me transmitidas nas aulas de história oral e macarrão com queijo que a minha mãe ministrava à mesa de jantar. Não há nada pior do que um *griot*¹ espampanante e a minha mãe era a mais espampanante de todas.

A minha mãe educou-nos, a mim e às minhas irmãs, como os muito suados despojos de uma cruel batalha pela custódia que deixou estilhaços de porcelana de granadas-pratos-do-jantar cravados no pescoço do meu pai. O divórcio deixou a minha mãe, Brenda W. Kaufman, determinada a certificar-se de que os filhos conheciam os seus antepassados. Órfã de Brooklyn que nunca tinha visto os pais nem a sua certidão de nascimento, a minha mãe adotou a história patriarcal do meu pai para as suas origens infames.

Nas tardes de verão, eu, a Nicole e a Christina sentávamo-nos aos pés da nossa mãe a traçar as nossas linhagens, passando com os dedos ao longo das veias salientes que lhe corriam pelas pernas acinzentadas. Ela punha as suas horríveis extremidades inferiores em cima de uma almofada decorativa e nós conduzíamos a nossa investigação ancestral ao mesmo tempo que lhe limávamos os calos duros e outros crustáceos dérmicos dos pés.

Começávamos com o básico. Perigo, Miúdos a Trabalhar. A Nicole, a minha irmã mais nova, a quem dei a alcunha de A Incrível Eterna Bebé Chorona, iniciava o interrogatório com o seu estilo egocêntrico enquanto raspava o monte de pele morta que era o calcanhar esquerdo da minha mãe.

– Mãe, sou adotada?

– Não, não és adotada. Mostrei-te as estrias na semana passada. Trabalha com mais energia, porra! Arranca a merda da pele com os dedos, se tiver de ser.

Depois, a Christina, a filha do meio, que afetuosamente rebatizei com o nome nativo americano Dedos-Nas-Narinas-Polegar-na-Boca-e-Ranho-por-Toda-a-Parte, explorava os laços filiais.

¹ Contador de histórias e feiticeiro. Termo originário da África Ocidental. [N. da T.]

- Então e o Gunnar?
- Não.
- Podes prová-lo? – perguntava a Christina, ansiosa e pouco convencida, com a respiração pesada a fazer-lhe sair bolhas de muco do nariz.
- Dessas linhas enrugadas na tua barriga, quais são as minhas?
- Chrissy, se alguém for parvo o suficiente para dizer que é teu pai ou mãe, acredita. OK?
- Mã.
- O que foi, Gunnar?
- Os teus pés cheiram mal.
- Cala-te, antes que eu te faça preencher aquela candidatura à escola militar!

O curso avançado de genealogia Kaufman só começava quando a nossa mãe voltava para casa, depois de ganhar o nosso sustento a despistar doenças venéreas a pobres azarados numa clínica gratuita na zona leste de Los Angeles. Lembro-me de que ela gostava de trazer os seus brilhantes e afiados instrumentos de aço inoxidável e lustrosas *Polaroids* dos casos mais avançados para a mesa de jantar. Polindo espéculos e cateteres a cuspo, contava as suas piadas horríveis sobre «picar piças e catar conas». Juro que acredito que, algures no seu passado desconhecido, houve menestréis viajantes a atravessarem descontraidamente vários palcos à luz de velas.

Os jantares das sete eram um circo bizarro com a minha mãe no papel de A Incrível Mulher Louca. Limpava-nos os lábios gordurosos e dava-nos sermões acerca dos horrores das doenças sexualmente transmissíveis enquanto distribuía puré de batata e fotografias de lesões vaginais pela mesa. Para o *coup de grâce*, abria uma embalagem profilática, retirava e desenrolava uma película azul, e enfiava o recetáculo numa narina. Depois, deixava-se ficar assim, a falar-nos das alegrias do sexo seguro com um preservativo amachucado pendurado no nariz a bater-lhe no queixo a cada sílaba. De um momento para o outro, tapava a narina aberta e, inspirando, sugava a borracha não lubrificada para dentro do nariz. Abria a boca e puxava um pedaço de

látex molhado, levantando-o para todos o vermos, ao mesmo tempo que lançava um ostentoso:

– *Tcharan!* Vamos comer.

As festividades continuavam ao longo da refeição. Embora a designação de *griot* mais espampanante não pudesse ser confirmada, o *Livro de Recordes do Guinness* inclui-a como dona da deglutição mais ruidosa do mundo.

DEGLUTIÇÃO. Brenda W. Kaufman (n. 1955), de Los Angeles, registou uma deglutição não amplificada de 47 dB (rua movimentada = 70 dB, motor a jato = 130) quando foi ao *David Letterman Show* beber água da torneira da cidade de Nova Iorque, no dia 3 de maio de 1985.

Nos seus aniversários, eu via a gravação da atuação. Um homem com sotaque inglês aproximava um microfone da garganta da minha mãe enquanto ela bebia um copo de água cheia de entusiasmo. No canto inferior direito do ecrã havia um medidor com um ponteiro que saltava descontroladamente a cada gole ruidoso. Eu e as minhas irmãs gritávamos sempre que o ponteiro entrava na zona vermelha.

Quando ela regressou, revezámo-nos orgulhosamente a pôr os dedos na sua maçã de Adão enquanto ela bebia leite. Entre goles, a nossa mãe perguntava-nos pelos trabalhos da escola e queixava-se da nossa falta de educação. Batendo com o copo de leite na mesa, passava a língua pelos lábios e berrava:

– Como veem, não há nada que um Kaufman não consiga fazer. Esses livros de História dizem alguma coisa acerca do pai do vosso pai, Eurípides Kaufman? Aposto que não. Passem mas é a merda do pão e deixem a mãe falar-vos de um negro colonial que teria subido a pulso, caso tivesse tido os pulsos soltos. O primeiro de um legado de homens de cor que abriram o seu próprio caminho no mundo. Gunnar, estás a ouvir?

– A-hã.

– Desculpa?

– Sim, senhora.

Foda-se, a minha mãe sabia mesmo contar uma história. Começava com Eurípidés Kaufman, o escravo mais novo da História a conseguir comprar a sua liberdade. Ouvi as correntes dos espíritos dos negros Kaufman a deslizarem e a chocalharem nas janelas da sala de jantar. Pretos mortos que estalavam os lábios áridos e se agarravam aos estômagos vazios que roncavam diante do frango frito, à espera de que a nossa mãe contasse a sua história.

Demasiado pequeno para fundir e forjar ferro na oficina do seu dono, em Boston, Eurípidés passou a sua servidão a fazer trabalho de burro. Depois de andar a fazer recados, descalço por toda a cidade, procurava formas de ocupar o tempo livre. Sentado nas margens relvadas do rio Charles, observava os jograis a atraírem esmolas dos bolsos de transeuntes sentimentais. Aos 7 anos de idade, Eurípidés encontrou uma fonte de rendimento. Esta cria empreendedora correu para casa, espalhou óleo das lâmpadas sobre a pele negra fuliginosa e instalou-se diante da entrada mais movimentada do Boston Common. Passando por ele, todos os habitantes de Boston que passeavam por ali respondiam ao sorriso obsequioso de Eurípidés e à sua tez brilhante com um preocupado:

— Posso ajudar-te, filho?

Ao que Eurípidés respondia:

— Quer esfregar a minha cabeça para ter sorte? Custa seis centavos.

Em pouco tempo, Eurípidés tinha conquistado uma clientela fixa de notáveis e lealistas, soldados ingleses e milicianos que pagavam para lhe passarem as mãos pela cabeça desgrenhada e terem sorte e a garantia de uma vida no além. Seis meses mais tarde, decidiu rapar a cabeça, de modo a aumentar o prazer tátil, e o negócio disparou. A notícia da esperteza do pequeno bebé de alcatrão trouxe alguma fama à sua oficina e depressa chegou até aos ouvidos do seu dono e epónimo, Chauncy Kaufman. Rapidamente, os clientes começaram a ir à oficina para ferrar os cavalos e tocar na cabeça do «sacanhinha do preto». Os clientes chegavam a cavalo, prendiam os animais ao poste e proclamavam:

— Quatro ferraduras novas, Chauncy. Onde está o Eurípides? Na semana passada, esqueci-me de lhe esfregar a cabeça e a minha mulher apanhou-me a comer a preta no sótão. Anda cá, meu amuletozinho de cabeça rapada.

Num ameno dia de primavera, o jovem Eurípides, de 9 anos, descobriu quanto devia cobrar por um apertão na bochecha e um «É tão giro». Ergueu o olhar e viu um rapaz negro da sua idade a ser leiloado por 15 libras, ao lado de uma banca de fruta. «Coração, quando voltares de empoar a peruca, importas-te de comprar tomate, uma alface e um escarumbinha?» Sempre um empresário astuto e ansioso por conhecer o seu valor, Eurípides perguntou ao seu dono suado e de cara suja de carvão se valia 15 libras no mercado. O Senhor Kaufman garantiu a Eurípides que um macaquinho esperto como ele valia o dobro. Nesse momento, Eurípides levou a mão à sacola, tirou 30 libras que tinha poupado do negócio de dar a cabeça a esfregar e pousou-as em cima da bigorna. Eurípides Kaufman saiu da oficina como homem livre de 9 anos e comprou imediatamente um chapéu. Veio a tornar-se marinheiro mercador, conquistando a fama não celebrada de ser, nas palavras da minha mãe, «o cérebro por trás do Massacre de Boston».

Diz a lenda da família que, no dia 5 de março de 1770, Eurípides Kaufman se esquivou agilmente de um tiro de mosquete que um inglês tinha reservado para ele e que Crispus Attucks acordou mártir no céu dos pretos. Nessa tarde histórica, Eurípides e Crispus, o seu parceiro no crime desde a infância, estavam sentados num *pub* de Boston a beber a cerveja de barril de Samuel Adam. Oh, ser livre, negro e ter 21 anos, embriagado com cerveja caseira e ser aceite como mascote dos seus brancos companheiros mercantes. A única desvantagem da liberdade de Eurípides era não poder cobrar dinheiro quando, com vigorosos gestos paternalistas, os habitantes da região lhe esfregavam a cabeça.

— Eurípides, seu preto com cabeça de nó de marinheiro, que idade tinhas quando começaste a perder o pelo de macaco? Ainda te embrulhas nele para ficares quente à noite?

O que são umas piadolas de pretos entre amigos? Nós, os Kaufman, sempre fomos o tipo de pretos que aceitam bem uma piada. Eu costumava visitar o meu pai, desenhador da Polícia de Los Angeles, na esquadra de Wilshire. Os outros agentes reuniam-se em volta das secretárias desarrumadas e desmanchavam-se a rir com piadas começadas por «Quantos pretos são precisos para...», entre vigorosas palmadas nas costas uns dos outros e olhares por cima dos ombros largos para verem se eu e o meu pai estávamos a rir. O meu pai ria-se sempre. As ombreiras do seu casaco curvavam-se como centopeias, a cada gargalhada. Eu só me ria depois de o meu pai me dar uma forte palmada entre as omoplatas. O golpe pesado empurrava o meu peso para as pontas dos pés, fazendo-me levantar o queixo do peito, e eu arrotava uma ou duas palavras de auto-humilhação. Mesmo quando não percebia a piada.

— O que é que eles querem dizer com «lamber-lhes os lábios e colá-los à parede»?

Mais tarde, observava o meu pai a desenhar esboços para cidadãos vitimizados que usavam o rosto dele como ponto de referência.

— Tinha lábios grossos, um nariz um pouco maior do que o seu, mas com as narinas abertas como as suas.

O meu pai recriava um criminoso qualquer e, sem desviar o olhar dos traços contidos, avisava-me: era bom que o meu rosto nunca aparecesse no bloco de desenhos de nenhum polícia. Mandava-me para casa num carro-patrolha, com o rosto todo manchado de carvão e a sua sabedoria patriótica a ressoar-me nos ouvidos:

— Lembra-te, Gunnar, Deus, pátria e riso, o melhor remédio do mundo. A tua mãe recebeu o cheque?

Era de esperar que um Kaufman vendido tivesse dado um empurrão ao início da Revolução Americana. Eurípides Kaufman, de copo cheio e lábios grossos, assobiou e redirecionou habilmente o escárnio dos seus companheiros de bordo briguentos para um soldado inglês adolescente, sozinho de sentinela em frente à Casa dos Comuns, mesmo à porta da taberna.

— Ei, rapazes, aquele não é o patife inglês que ontem não pagou ao Jack Milton pela barba e cabelo?

Com Eurípides e Crispus na liderança, a multidão embriagada saiu para ver melhor. De canecas na mão, rodearam o guarda nervoso e atacaram-no com insultos. Eurípides, que estava a cerca de um metro do soldado inglês, olhou-o de cima a baixo, virou-se para os companheiros e disse:

– É mesmo, é o aldrabão, o papa-chá-e-biscoitos. O Crispus confirma, não confirmas, matulão?

Os olhos de Crispus — como os do meu pai, como os de Eurípides —, ansiavam por agradar, mas tinha a boca vazia de palavras revolucionárias. Ansioso pelo afeto da América branca, Crispus Attucks olhou para o meu antepassado em busca de orientação. Depois, repetiu as palavras cáusticas de Eurípides Kaufman para o solitário representante britânico do capitalismo de risco no Novo Mundo.

– *Aye*, um chimpanzé *cockney* a mostrar cu vermelho um bocadinho longe do resto do grupo. Onde é que anda a tua senhora cor de *scone*? Embrulhada com o rei George, a massajar-lhe a barriga e a contar os nossos impostos? *Cráá!* O Crispus Attucks quer uma bolacha?! *Cráá!*

Como é que dois pretos nominalmente livres podiam ser mais libertinos? Sendo dois motores negros a propulsionarem a chama vermelha do foguete, incitando o grito da colónia pela independência. A dada altura do famoso imbróglio, Eurípides, encorajado e inchado pela cerveja, puxou o pénis para fora e produziu uma poça de mijo em frente à brigada de reforços britânicos. Sentindo que o pelotão armado tinha atingido o ponto de saturação, gritou «Taxem isto!» e marchou para o fundo da turba, deixando um Crispus Attucks, escuro e bêbedo, a liderar a avassaladoramente branca multidão em fúria, entre insultos ininteligíveis ao trono e ameaças a todo o império britânico com o seu espanca-pretos de madeira. Seguiu-se, então, a agora famosa salva de tiros e o baque dos corpos a caírem na calçada empoeirada.

A História americana encontrou Crispus Attucks morto numa rua de Boston, mas ainda não descobriu o contributo de Eurípides Kaufman.

² No original, *cracker*, palavra utilizada também como termo depreciativo para pessoas brancas. [N. da T.]

No julgamento subsequente, uma testemunha da acusação contou que tinha ouvido o soldado que depositara a bola de chumbo no coração de Crispus dizer, arrependido:

— Merda, matei o preto errado.

E ainda bem, porque se aquele soldado britânico tivesse matado o preto certo, a minha turma de sétimo ano na Manischewitz Junior High nunca teria podido rir dos ridículos filhos e filhas da classe servil da Confederação. Todos gerados pelo meu trisavô à sétima potência, Eurípides Kaufman.

Foi na aula da Miss Murphy que, pela primeira vez, alguém fora da minha família imediata ouviu a história da humilhante primogenitura dos Kaufman. Durante o Mês da História Negra, de modo a pôr uma turma de órfãos desenraizados em contacto com a sua negritude dispar, a Miss Murphy mandou-nos fazer as nossas árvores genealógicas. Embora a maioria dos miúdos só conseguisse chegar aos avós, foi com orgulho descarado que transmitimos relatos orais das nossas caricatas ascendências americanas. Ninguém sabia o suficiente para se sentir envergonhado por não conhecer as próprias histórias, muito menos as dos heróis negros dos cartazes colados nos corredores da escola.

Eu estava sentado a meio da primeira fila junto à porta, farto de miúdos a levantarem as árvores genealógicas com o mesmo discurso:

— Ahm, os rapazes são os círculos e as raparigas têm a cabeça em forma de triângulo. Este sou eu. As minhas seis irmãs. O meu irmão está morto. O meu outro irmão também está morto. A minha mãe. O meu pai. E aqui estão os meus avós. O meu avô esteve no Vietname e passou-se da cabeça. Alguma pergunta? Onde é que a minha mãe nasceu? Nasceu no Arkansas e conheceu o meu pai num expresso. Apaixonaram-se em San Antonio e ele tocou-lhe numa casa de banho em Tucumcari, no Novo México. Depois, apareci eu. Vai-te foder, Denise, não nasci nada numa casa de banho pública!

A Miss Murphy chamou finalmente o meu nome. Pus a minha árvore genealógica debaixo do braço e dirigi-me para a frente da sala, dando um calduço ao, Jimmy Lopez, meu puto, só naquela de manter o hábito. Subindo a mão acima da cabeça, desenrolei a minha árvore

genealógica gigante. Desceu bem abaixo dos meus joelhos e a turma soltou exclamações de espanto ao ver as gerações de bonequinhos pretos a darem as mãos uns aos outros.

Comecei pelo topo, com Eurípides Kaufman, e continuei a partir daí. Com a mão da minha mãe nas minhas costas e as palavras dela a saírem-me pela boca, contei a nossa história, tagarelando como um boneco de ventríloquo magricela. Contei à turma como os Kaufman migraram para sul quando Swen Kaufman, o viajado neto de Eurípides, deixou Boston, tornando-se acidentalmente na única pessoa a fugir para a escravatura. Sendo *persona non anglo-saxon*, Swen não pôde cumprir os seus sonhos altivos de se tornar bailarino. Não era bem-vindo no círculo dos bailarinos profissionais e os espetáculos de variedades locais não tinham utilidade para as suas «síncopes corporais ao estilo da corte francesa» nas produções com escarumbinhas engraçados que criavam.

— Tira a coroa da cabeça, macacão. Mostra os dentes — diziam.

Swen curvava-se e fazia vénias em todas as circunstâncias, mas, no que dizia respeito à dança, recusava-se a ceder. Assim, numa noite ventosa, guardou as sapatilhas de *ballet* e viajou clandestinamente num navio mercante em direção à zona do algodão, no Sul.

Desembarcando na zona costeira da Carolina do Norte, Swen partiu em busca da liberdade artística. Tropeçou ao longo de estradas de tabaco, usando uma dicção sangue azul da Nova Inglaterra para afastar a curiosidade dos que se interessavam pelo seu estatuto de homem livre. Quando passava por multidões à procura de linchamento, por cães e *belles* indefesas com as suas sombrinhas, olhava para os pés, mantendo, ainda assim, o nariz suficientemente empinado para sugerir uma sombra de estatuto. Respondendo às suas perguntas, Swen enrolava os R num tom educado e deferente.

— Não és daqui, pois não, rapaz?

— Não, senhor. Foi o *maillot* que me denunciou, senhor?

— Posso fazer-te algumas perguntas?

— Claro, entendo perfeitamente as suas rrrrações para desconfiarrrrr de que posso serrrr um negrrrrro em fuga. Porrrr favorrrrr, prossiga com o interrrrrogatório.

— És escocês, rapaz?

Ao fim de três dias de caminho, Swen deu consigo na Carolina do Norte, nos arredores de uma pequena comunidade agrícola chamada Marcy. Aí encontrou os campos da plantação de Tannenberry, onde alguns escravos sachavam campos de tabaco. O ritmo ascendente e descendente dos sachos e picaretas, e a urgência das canções de trabalho deram-lhe uma ideia para uma ópera-bailado «revolucionária», uma obra que misturaria o movimento estoico do trabalho forçado com a confiança descontraída da lírica aristocrática. Hipnotizado pelas possibilidades, Swen saltou impetuosamente a cerca de madeira que separava os escravos dos homens livres. Pegando numa ferramenta, sorriu para o negro confuso ao seu lado e revolveu a terra feudal até ao pôr do sol, determinado a aprender os modos dos escravos do campo. Suponho que os pretos o tenham avisado, mas Swen não terá entendido o seu *pidgin*.

— Não sei quem és, tolo, mas quem quer que sejas, se queres dar para escravo nesta plantação de tabaco, é melhor parares de atirar a terra ao vento. Porque se os Tannenberrys não comerem, já sabes, os porcos e as galinhas vão ver os pretos morrer.

Swen voltou ao alojamento do Patrão Tom em Tannenberry, feliz com o seu primeiro dia de escravatura. Nessa noite, foi dormir com o estômago cheio de orelha de porco e folhas de milho, e, a partir daí, de cada nascer do sol até à sua morte, acordou sempre criado forçado.

Inicialmente, ao ver um criado extra nas cabanas, o Patrão Tom Tannenberry sorriu, percebendo a sua boa sorte, recordando-se de dias mais pobres em que os membros da família eram mais do que os escravos. Labrego precoce da Confederação, tinha puxado as saias rodadas do vestido amarelo marfim da Avó Verona, fazendo beicinho e implorando para ter o seu próprio preto. O Patrão Tom lembrou-se do escárnio na voz da Avó ao responder qualquer coisa sobre os pretinhos não nascerem nas árvores.

No frio de uma manhã que começava a nascer, Swen Kaufman dançou até ao trabalho. Ensaçando animadamente para a sua *magnum opus*, o seu corpo alto e magro girou e saltitou na névoa escura que

se levantava da Carolina do Norte. Os escravos odiavam-no. O Patrão Tom começou a odiá-lo. Swen regressava dos campos mais feliz do que alguma vez tivera sido em Boston. Considerava-se um bailarino residente da plantação de Tannenberry, com casa, comida grátis e muito espaço para ensaios. Ao pôr do sol, o sujo e enérgico apanhador de algodão saltitava para casa, de costas direitas e queixo erguido, como um vistoso navio *Yankee* perdido no mar, apontando os seus dedos contra o vento.

O Patrão Tom decidiu que os seus modos cultos de Boston e as suas danças eram prejudiciais para o moral. Pior ainda era o fascínio estampado no rosto alegre da Patroa Courtney Tannenberry ouvia as histórias de Swen sobre as suas despreocupadas escapadelas europeias como *valet noir* de um coreógrafo francês. Educada no Norte da Virgínia, a Patroa Tannenberry considerava-se uma aficionada do *ballet* e da arte. Ficava sentada sob o pórtico da casa grande a abanar-se com o leque e a ansiar por cultura que não fosse baseada nos ciclos das colheitas. Swen adorava o papel de contador de histórias. Dispensado do trabalho no campo pela patroa, enchia-lhe a cabeça sonhadora com histórias sobre jantares em *bistros* à beira-mar em Marselha e o testemunho do exótico nascimento da dança moderna na Ópera de Paris, no Teatro Real de Copenhaga e no famoso King Theater de Londres. Discutiam as teorias de Swen sobre o modo como a rígida e obstinada psique dos russos elevaria o *ballet* aos píncaros da arte expressionista. Pontuando as suas declarações com saltos e passos de dança em volta do coreto, Swen conduzia palestras irónicas sobre como a tradição de triunfalismo patricio europeu e os rituais tribais africanos tinham influenciado os bailes sulistas. Fazendo saudosas reconstituições de espetáculos encenados centenas de vezes na sua cabeça, rodopiava e levantava as filhas pequenas da Patroa Tannenberry até às nuvens. O Patrão Tom fartou-se disso e exigiu a Swen que saísse da propriedade. Swen recusou-se. Como podia sair, se estava a coreografar uma dança de pares? Mais ainda, baseada na destreza necessária para remover bolas de algodão do caule e na delicadeza das técnicas de *crochet* da Patroa?

Não havia muitos pretos que fossem chicoteados na plantação de Tom Tannenberry, mas o Patrão Tom chicoteou Swen Kaufman. *Demi-plié*: cinco chicotadas. Segunda posição: dez chicotadas. Pirueta por cima das sementes de algodão: 15 chicotadas; sal e *whisky* nas feridas. Uma encenação da «Dança do Olhar Discreto» por trás dos estábulos valeu-lhe uma sova que fez os cães ladrarem e que manteve os escravos e senhores acordados toda a noite, a ouvirem a pele de Swen a fervilhar. Por fim, os escravos começaram a admirar a persistência de Swen e a apreciar a sua arte, mas não antes de Tom Tannenberry lhe arrancar o romantismo clássico à pancada e de lhe tirar os eflúvios verborreicos da boca. Dobrado e caído no chão, com os lábios manchados de sangue e o rosto coberto de pó barrento avermelhado, foi dito a Swen que podia abanar o cu preto o quanto quisesse.

Ele curou-se e fê-lo, apaixonando-se ao fim de pouco tempo pela sua parceira preferida, Clocinda Didion. O casamento de Swen e Clocinda foi a sua atuação final. Sob o pretexto de ensaiar uma cerimónia de casamento elaborada, usou todos os escravos da plantação numa gloriosa produção rodopiante. No dia do casamento, dançaram. Acompanhados de tambores e violinos, damas de honor, noivo e convidados dançaram pelos campos. Percorreram as cercas, equilibrando-se em cima delas, cercas para onde muitos nem se tinham atrevido a olhar, quanto mais tocar. Para a maioria, era a primeira vez que chegavam a 20 metros das cercas. O público consistia na Patroa Tannenberry, grávida, e nas suas quatro filhas, as cinco a correr pela propriedade atrás da ação e a aplaudir nos intervalos apropriados. A meio da cerimónia, as mulheres Tannenberry agarraram na vassoura, festejando enquanto o casal feliz saltava por cima dela, beijando-se a meio do salto e aterrando no matrimónio. No último movimento, os adultos passaram tochas apagadas às crianças e deitaram-se no cemitério dos escravos, ao lado dos montes de terra e das lápides apodrecidas. As crianças espreitaram para as janelas da casa grande, ainda com as tochas apagadas apoiadas nos ombros, e foram deitar-se no cemitério, ao lado dos pais. Depois disso, a Patroa Tannenberry chorou durante um mês e visitava o cemitério em todos os aniversários do casamento real de Clocinda e Swen.

Tudo isto antes do recreio. Entre uma trinca de bolo de café e um gole de leite com chocolate, os miúdos que normalmente passavam o intervalo da aula de Matemática a gozar comigo por causa do comprimento das minhas calças e a fazerem apostas sobre qual das minhas duas únicas camisas iria eu usar no dia seguinte pediram-me que continuasse a minha história.

- O que é que aconteceu a seguir?
- Porque é que não acenderam as tochas?
- Quanto são seis centavos em dinheiro americano?
- O Eurípides Kaufman conheceu o George Washington?
- O que é que aconteceu a seguir, caralho?

A campainha tocou e eles correram para a sala de aula, onde encontraram a Miss Murphy sentada na beira da secretária. Os alunos sentaram-se nas pequenas cadeiras de plástico cor de laranja e debruçaram-se sobre as mesas. De ouvidos bem abertos e olhos arregalados. Continuei a minha apresentação, inchado com um orgulho estranho.

Swen e Clocinda Kaufman geraram pretos espantosamente servis. Um deles, Franz von Kaufman, tinha um talento excepcional para lambe botas, mesmo para os padrões de um escravo. Franz von Kaufman nasceu exatamente igual a um preto dos daguerreótipos de Matthew Brady de 1857. Embora tivesse acabado de sair do ventre de Clocinda, a pele negra e brilhante de Franz estava marcada por rugas vincadas. Uma nuvem de cabelo grisalho despenteado enquadrava um rosto cavado, lábios apertados e olhos amarelos, lacrimosos e sofredores. Todos lhe chamavam o «Velho Franz von». A Patroa Tannenberry deu à luz Compton Benjamin Quentin, o mais novo e único rapaz dos Tannenberry, dias depois do nascimento de Franz von. Os dois rapazes partilharam o berço e a mama. Mesmo em bebé, a subserviência de Franz von era evidente. Se o bebé Patrão Compton queria a mama onde Franz von estava a mamar, empurrava-o ou chorava e babava-se junto à orelha dele. Franz von afastava-se sem se queixar. Não chorava nem gemia. Clocinda percebeu rapidamente que o pequeno demónio Tannenberry tinha nascido ganancioso e quase cego.

O teimoso Compton considerava-se um explorador corajoso e recusava-se a deixar que a sua falta de vista fosse um impedimento. Bastou olhar nariz-contranariz para o seu escuro companheiro de corridas Velho Franz von e soube intuitivamente que, para realizar os seus grandes objetivos, precisaria de um criado leal. Pediu ao pai que lhe fosse dado o Franz von e Tom Tannenberry, lembrando-se do seu desejo de ter «o seu próprio preto», acedeu rapidamente. Ainda Franz von era uma cria quando o Patrão Tom passou a trela a Compton Tannenberry.

— Lembra-te, filho, prometeste tomar conta dele.

Nos anos que se seguiram, o Velho Franz von serviu de cão-guia a Compton, de seu companheiro constante e melhor amigo. Franz von e Compton podiam ser vistos a brincar à Inquisição nos nogueirais. Este jogo era, basicamente, uma versão degenerada das escondidas, em que Franz von rolava num campo de madressilvas e, depois, fazia de pagão. Banhado no cheiro preferido do Patrão Compton, Franz von escondia-se no meio das nogueiras à espera da descoberta e da salvação. E, assim, de nariz em riste à procura do aroma único de madressilvas e infiel sujo, e de orelhas atentas a falsos gritos de guerra heréticos e blasfemos, o Torquemada míope procurava Franz von.

— O borbulhar e gorgolejar do riacho, o restolhar das folhas, tudo isso são apenas os macacos do nariz, os espirros e a brisa nas narinas alérgicas dos deuses de Dixie! — gritava Franz von.

Compton encontrava Franz von, amarrava-o a uma árvore, trocava o seu cuspo pela terra e pela alma de Franz von, atacava-o com nozes e convertia o pagão trigueiro com o recitar de versos bíblicos.

O tempo envelheceu o Patrão Compton mais do que Franz von. Aos 25 anos, o Velho Franz von era apenas uma versão mais alta do negro manso que sempre fora; só as rugas que lhe rodeavam os olhos e os lábios se tinham aprofundado. Não se tornara mais sábio, mais conhecedor do mundo ou mais amargo em relação à sua servidão. As ideias novas confundiam-no. O Franz von, o jovem adulto, não entendia a conversa dos pretos acerca do abolicionismo, nem o orgulho dos brancos em relação aos seus canhoneiros metálicos. Os livros

em braille que, cada vez com mais frequência, o Patrão Compton recebia por correio, assustavam-no. Como poderia ler os poemas de Ovídio e de Homero ao Patrão Compton, se os grandes mitos estivessem transformados em pontos táteis?

— Preto velho não aprende truques — gozavam os Tannenberry.

O Velho Franz von ria-se da perspicácia deles e mantinha-se ao lado de Compton, guiando-o com segurança através dos poucos obstáculos que um aristocrata sulista mimado enfrentava.

Compton Tannenberry entrou com igual facilidade na vida adulta que lhe estava destinada. Os residentes de Mercy maravilhavam-se com o contraste que existia entre o seu elegante e principesco passo sem visão e o passo arrastado e curvado do visualmente capaz Franz von. Na presença de Compton, os brancos podiam ser frequentemente ouvidos a dizer que ele tinha envelhecido com graça, que tinha passado de malte a bom *whisky* escocês. Quando o Patrão Compton não estava por perto, os pretos que trabalhavam arduamente sob o sol e o seu xogunato confederado diziam que o Patrão Compton não envelhecera, mas, antes, coalhara como leite estagnado. A sua arrogância branca tinha-se acumulado e espessado, espalhando o seu odor azedo por onde ele passasse.

Os domingos eram para ir à igreja e jogar cartas. À tarde, Franz von sentava-se num banco sem verniz, no canto mais afastado da Tripla Igreja Batista Anglicana Saxónica. Dali, observava o bom reverendo William Dern e os seus sermões, que alternavam entre a condenação e a salvação. Compton Tannenberry não permitia que outra pessoa que não Franz von o guiasse ao longo da nave para receber a comunhão. Agarrava com força o cotovelo de Franz von enquanto recebia o espírito *vintage* e o Corpo branqueado de Cristo. As noites eram passadas nos sacrossantos salões do Clube Socialite de Mercy para Cavalheiros Gentis. Durante as apostas altas dos jogos de póquer, Franz von ficava sentado ao lado de Compton, apostando por ele, batucando o seu código secreto no braço de Compton para lhe dizer que cartas tinha na mão. Compton calculava rapidamente as suas probabilidades e Franz von recolhia humildemente os ganhos das mãos surpreendidas da pequena

aristocracia sentada à mesa. Uma vez afastados em segurança das mesas de jogo, Franz von e Compton voltavam à sua piada recorrente: o facto de ninguém conseguir ler a expressão do olhar de um cego e ou a mente de um preto só lhes trazia vantagens.

Quando a Guerra Civil rebentou, Compton alistou-se entusiasticamente, sabendo que seria recusado, mas esperando servir o Sul de alguma forma. Conforme esperado, a comissão disse a Compton que não tinha condições para combater, mas que a sua educação, inexpressividade e astúcia podiam ser usadas de outras formas. A Confederação pediu-lhe que fosse o negociador principal na troca ultrassecreta de fardos de algodão excedentes do Sul pelo ópio da União, algo de que os rebeldes precisavam desesperadamente para tratarem os seus feridos. O trabalho exigia que, de duas em duas semanas, Compton apanhasse um comboio de Durham para Washington, D.C., para se encontrar com os forretas dos *Yankees*. O problema era que Franz von não podia acompanhar o seu senhor nestas missões, uma vez que um negro astuto, mesmo um tão assumidamente cumpridor como Franz von, seria uma infração desnecessária dos protocolos de segurança.

Franz von passou os primeiros dois anos da guerra a lutar contra a ansiedade da separação e a aguardar fielmente a chegada do comboio das 18.15h de Washington, D.C. Nada fazia Franz von mais feliz do que servir de banquetta de apoio ao amigo, ajudando-o a subir para a carruagem que os levaria de volta à plantação Tannenberry.

Domingo, 27 de março de 1864. O comboio das 18:15h chegou e a bengala do Patrão Compton Tannenberry nunca deu os seus toques exploratórios fora da carruagem de primeira classe. O gemido de Compton — «Onde está o meu preto?» — não percorreu a plataforma. Franz von esperou durante horas e, depois, conduziu o *buggy* vazio de volta para a plantação. Porque é que os Tannenberry não o olhavam nos olhos quando lhes dizia que o Patrão Tom não estava no comboio? Franz von regressou à estação na noite seguinte e em todas as outras durante o resto da sua vida, ficando a olhar fixamente para todos os passageiros que saíam do comboio. Ninguém teve a coragem de dizer a Franz von que o seu companheiro tinha morrido ao engolir

acidentalmente um pouco do ópio que transportava, confundindo-o com um dos torrões de açúcar que trouxera para o Velho Franz von e para os cavalos.

Gostava que a minha história vergonhosa tivesse terminado com o patético Franz von, gostava de poder dizer que, depois de anos de obediência, os meus antepassados tinham abraçado as ondas do orgulho negro do século xx. Na cantina, os alunos do sétimo ano comiam os seus almoços em silêncio. Conteí a história de Wolfgang Kaufman sob o restolhar de sacos de papel pardo e de bocas cheias de batatas fritas mastigadas lentamente. Wolfgang Kaufman foi o meu tio-bisavô, em tempos detentor do cargo municipal mais elevado a que um negro de Nashville, Tennessee, podia aspirar na década de 20: chefe do Departamento de Segregação Visual. Com Jim Crow como musa, passou tardes abafadas debaixo de uma boina de pintor manchada, a pintar e a pendurar os letreiros de SÓ PARA BRANCOS e SÓ PARA NEGROS que existiam por cima dos espaços quase públicos de Nashville. A receber cinco dólares por hora, não havia muitos negros em Nashville tão bem-sucedidos como ele e Wolfgang orgulhava-se da sua arte com o *stencil*. Um momento de distração fê-lo perder o seu precioso contrato, tendo sido visto a sair da casa de banho masculina depois de fazer um satisfatório cocó matinal no WC exclusivo a brancos. A imagem de um negro a fechar a braguilha e a desentalar as cuecas do rabo era demasiado forte para qualquer mulher branca virtuosa, especialmente para a que desmaiou horrorizada aos pés dele. A Miss O'Dwyer acordou com Wolfgang debruçado sobre o seu rosto, a balbuciar qualquer coisa sobre não haver papel higiénico na casa de banho dos negros. Recuperando rapidamente as suas faculdades e sensibilidades privilegiadas, a Miss O'Dwyer esbofeteou os lábios suplicantes de Wolfgang e denunciou-o ao gabinete do *mayor*. Um funcionário público benevolente cancelou o linchamento de Wolfgang e, pouco depois, o preto mudou-se para Chicago, onde se viu a polir o chão na rádio WGN com um grande sorriso de «Obrigado, Jesus» estampado no rosto.

Numa soalheira manhã de terça-feira, entrou na estação uma dupla gordo-magro de mau gosto para ensaiar os cenários de um

novo programa. Wolfgang parou de limpar os vidros do estúdio por alguns momentos para ouvir o duo, Freeman F. Gosden e Charles J. Correll, a ensaiar o seu repertório cansado.

— Aconteceu-me uma coisa engraçada a caminho da estação...

Assim como os diretores da estação, Wolfgang resmungou e tapou os ouvidos, lembrando-se de ouvir as suas vozes de barítono enquanto se escapulia de Nova Orleães. Faziam boas imitações, mas o material era horrível. Wolfgang decidiu ajudar os rapazes. Aproveitando uma pausa no ensaio, enfiou o chapéu de coco no estúdio, tirou o charuto gordo da boca e convidou os rostos preocupados de Gosden e Correl a juntarem-se a ele para almoçar.

— Agora, vão ouvir os verdadeiros génios da comédia.

Sem nada a perder, os rapazes brancos seguiram Wolfgang até à Chicago Circle Cab Company, onde um grupo de taxistas na pausa para o almoço estava sentado numa cabine de despacho a falar dos defeitos uns dos outros, de mulheres e a contar histórias hilariantes, ainda que um pouco exageradas, sobre a vida de um negro numa cidade grande. Boquiabertos, os dois pacóvios sentaram-se timidamente no pára-choques de um táxi avariado. Nenhum dos homens tinha, até então, contemplado a existência de uma sociedade negra para além dos ascensoristas e das fotografias ocasionais de negros bem-sucedidos no *Sun-Times*. Aqui estavam homens a falarem numa miríade de dialetos acerca de uma vida trepidante que, para a maioria da América, era invisível. A vítima da maioria das piadas era um taxista discreto com estudos universitários chamado Enos. O mais ruidoso e mais turbulento dos contadores de histórias negros era um *dandy* desempregado e gorducho chamado Sandy. Wolfgang sorriu quando as personalidades da rádio se aperceberam das semelhanças de psique e de personalidade. Wolfgang levantou-se e cantou uma versão lenta de *Carry me Back to Ol' Virginny*, e Gosden e Correll correram de volta para a estação de rádio, com as cabeças a fervilharem de ideias para um programa semanal chamado *Amos and Andy*. A estéril rádio branca americana estaria destinada a horas e horas de *Fibber McGee and Molly* caso Wolfgang Kaufman não tivesse aparecido,

em todo o seu esplendor, para a salvar. A América recebeu um par de icónicos maus dançarinos de *jitterbug*; Wolfgang Kaufman recebeu um aumento de dez cêntimos.

A turma de sétimo ano da Miss Murphy, ainda completamente atenta, votou unanimemente para que se saltasse a exibição do *Eyes on the Prize*³ e se continuasse a ouvir a história de Ludwig Kaufman. Filho de Wolfgang, o Primo Ludwig usou as ténues ligações de encarregado de limpeza que o seu pai tinha na indústria para se tornar agente de artistas brancos que copiaram e navegaram a histeria do *rhythm-and-blues* da *Motown*. Alguns dos artistas mais populares eram Gladys White and the Waitress Tips e os The Stevedores, cujo sucesso melódico, *Three Times a Longshoreman*, alcançou algum sucesso na Costa Leste. Ludwig orgulhava-se especialmente do seu projeto The Four Cops, um quarteto de Los Angeles que subiu ao *top* com uma balada intitulada *Reach Out and I'll Be There Hittin' You Upside the Head with a Nightstick*.⁴

Perdido no Lado Sul de Chicago, o elegante Ludwig Kaufman entrou na Mesquita 27 à procura de informações sobre um clube que tinha contratado os seus agentes policiais lantejoulados. Sentando-se numa cadeira dobrável metálica ao fundo da sala, o Tio Kaufman ficou fascinado com a retórica rítmica e o estilo do templo, sentindo-se particularmente intrigado com o potencial de um grupo chamado Blond Muhammadettes intrigava-o. Apressou-se a perguntar como podia converter-se e onde podia arranjar aqueles *papillons* e sapatos brilhantes. Reconhecendo um alvo quando o viam, os Black Muslims e o FBI treinaram Ludwig para ser o Judas do Jesus do nacionalismo negro. Foi o Primo Ludwig quem, no dia 21 de fevereiro de 1965, se levantou no meio do Audubon Ballroom, momentos antes de Malcolm X se preparar para fazer o seu discurso, e gritou:

— Então, meu?! Tira a mão do meu bolso!⁵

³ Documentário sobre os direitos civis na América. [N. da T.]

⁴ Nomes reais: Gladys Knight and the Tips, The Commodores (*Three Times a Lady*), The Four Tops (*Reach Out (I'll Be There)*). [N. da T.]

⁵ Famosa frase gritada como distração antes do disparo que matou Malcolm X. [N. da T.]

Oito meses mais tarde, a polícia encontrou-o no Tin Pan Alley, morto e sem os seus sapatos brilhantes.

Depois das aulas, reuni o grupo no campo de *kickball* e, encostado à rede de metal, comecei a falar do meu primo Solveig Kaufman. A *Newsweek* mandou o Primo Solveig cobrir a conferência de imprensa onde se iam anunciar os resultados da nova investigação do assassinato de Martin Luther King. O painel abriu a sessão de perguntas escolhendo um bebé da ação afirmativa que tinha beneficiado com o movimento de King. Num direto nacional, Solveig retribuiu o gesto ao movimento dos direitos civis. Levantou-se e, de caneta e bloco na mão, disse:

— Esqueçam o James Earl Ray e a intervenção do FBI. O que as mentes curiosas querem saber é: quem anda a comer a Coretta Scott King?

Depois disso, a única aparição pública da eterna viúva foi no seu próprio funeral, quatro meses mais tarde. Há quem diga que foi de causas naturais; outros dizem que foi suicídio; outros dizem que morreu de vergonha.

Estas crónicas do pátio da escola nunca incluíram os delitos do meu pai. Conseguia distanciar-me da merda feita pelas gerações passadas, mas a fraqueza dele era uma vergonha constante para mim. A história dele era a minha história. Uma ascendência reprovável que, todas as noites, me aconchegava para dormir. De manhã, dava-me um beijo na nuca, sacava da pila e pedia-me para tocar flauta. Na frente do palco, ó preto.

A doutrina racista e campestre da Labregolândia, Mississippi, educou o Sr. Rölf Kaufman, também conhecido como «Papá». Em vez de canalizar os impostos sobre as propriedades para as escolas do bairro, a cidade decidiu deitar a língua de fora ao *Brown vs. Conselho de Educação* e satisfizer as estipulações integracionistas do Supremo Tribunal, mandando os escarumbas de pele clara e os escarumbas de pele escura para a Dred Scott High. A viver na única casa de negros que existia a curta distância da exclusivamente branca e predominantemente pacóvia Jefferson Davis High, o meu pai nem sabia que existia um autocarro específico para os miúdos negros.

Apareceu para o primeiro dia de aulas com umas *Levi's* sem bainha, camisa de flanela, um chapéu à Daniel Boone e um anel descodificador do *Captain Midnight*. Era uma não-ameaça tão dócil e mansa que o diretor o deixou inscrever-se nas aulas.

O meu pai recordava carinhosamente os risos e as *Dixie* geladas que, a celebrar as férias de verão, partilhara com a turma do último ano, depois da reencenação macabra dos assassinatos de Schwerner, Goodman e Chaney⁶. Rölf fez de Chaney, dois miúdos com síndrome de Down da turma de educação especial ficaram com o papel do desgraçados judeus heréticos e três carros cheios de jogadores de futebol americano fizeram de xerifes milicianos. O meu pai e os dois rapazes «judeus» percorreram a Route 17 em direção a Meridian com os proto-agentes da polícia no seu encalço. Ao fim de alguns quilómetros a buzinar, de perseguições próximas do desastre e de latas de cerveja a ressaltarem nas janelas do carro como pedras de granizo metálico, a polícia-a-brincar da Labregolândia aborreceu-se e obrigou o carro do meu pai a parar. O meu pai fez um sorriso tímido quando o *quarterback*, Plessy «Vai Fundo» Fergusson, se dirigiu, cheio de determinação, ao lado do condutor. O musculado copiloto por excelência abriu a porta com as mãos que lhe tinham valido a bolsa de estudos e perguntou ao meu pai:

— Que risinho é esse, pás? Perceberam, pessoal? «Pás», como em «paz», de «pacifista»?

O resto da equipa desatou a rir e começou a tirar os «estudantes ativistas» assustados para fora do carro, revezando-se a bater na cara do meu pai e dos miúdos atrasados, e balançando-os pelos tornozelos para dentro do pântano lamacento que corria ao longo da autoestrada. Mais tarde nessa noite, os atores do teatro vivo encontraram-se na clareira atrás do tribunal para beber umas cervejas. As chamas brilhantes de uma fogueira iluminavam um barril colocado ao lado de um pinheiro de tronco largo, conhecido como árvore baixa. As sombras

⁶ Ativistas dos direitos civis norte-americanos, membros da organização pacifista SNCC (Student Nonviolent Coordination Committee), raptados e assassinados em junho de 1964, no Mississippi. [N. da T.]

dos ramos grossos atravessavam os rostos bêbedos e contemplativos. O meu pai bebeu tanto que desmaiou. Acordou despido, com o corpo pintado com *spray* branco e a cara colada ao tronco da árvore pela baba. Correu para casa sob a lua descendente do Mississippi, com a pele branca num formigueiro de assimilação.

Em 1968, três horas após terminar o ensino secundário, o meu pai juntou-se ao exército. Serviu duas missões no Vietname. O seu comandante, encantado com o seu patriotismo, fê-lo responsável por um pelotão tresloucado composto por arruaceiros citadinos saídos do movimento *Black is Beautiful*. Guiou-os em missões «procurar e destruir» através de matagal cerrado, de olhos atentos aos atiradores furtivos, a ouvir os seus homens queixarem-se da precipitação, do homem branco isto e o homem branco aquilo. Depois de se juntar ao Departamento de Polícia de Los Angeles, queixava-se de que trocara a selva da Indonésia pela selva da Incoesonézia — que tinha «passado de combater o Vietcong para combater o King Kong». Lembro-me de um dia em que chegou bêbedo a casa, vindo de uma angariação de fundos não oficial da Polícia de Los Angeles para a defesa legal dos agentes acusados de brutalidade. (Mais tarde, o meu pai disse-me que passaram *O Nascimento de uma Nação*⁷, seguido de duas horas ininterruptas de momentos-chave dos Tumultos de Watts⁸.) Sentou-me no seu colo e, com a voz arrastada, contou-me histórias de guerra. Sobre como era habitual o seu pelotão negro abandoná-lo no meio das patrulhas, deixando-o sozinho num campo de arroz qualquer a enfrentar toda a ameaça comunista sozinho. Uma vez, encontrou os seus homens atrás da zona desmilitarizada a confraternizarem com o inimigo. A visão de pretos de olhos em bico e pretos pretos a partilharem rações de combate e arroz, a gozarem de um fogo crepitante e da noite silenciosa

⁷ Filme mudo norte-americano, realizado em 1915, acerca da Guerra da Secessão. O filme foi amplamente criticado na época pelo seu retrato agressivo e racista dos negros americanos, assim como por apresentar o Ku Klux Klan como uma força heroica. [N. da T.]

⁸ Distúrbios civis no distrito de Watts, Los Angeles, ocorridos em 1965, iniciados com a detenção violenta e não justificada de um jovem afro-americano de 21 anos, que resultaram em vários mortos e mais de mil feridos. [N. da T.]

do sudeste asiático, fez o meu pai passar-se da cabeça. Aos gritos, recriminou a rebeldia dos seus soldados:

– Isto é mesmo fodido, ver os gorilas a comerem com as guerrilhas. O que é que se passa, seus babuínos do caralho?! Não sabem que estes são a merda do inimigo? São o filho da puta do perigo amarelo, e vocês, seus Benedict Leroy Robinson Jefferson Arnolds do caralho, são uns traidores da mesma democracia que salvou o vosso cu macaco do primitivismo. E sabem que mais? Provavelmente estão a comer cão.

Os soldados Vietcong viram os olhares desconcertados nos rostos dos negros americanos e um bom rapaz de cor, vindo de Detroit, levantou a espingarda e enfiou uma bala de *M-16* a poucos centímetros dos genitais do meu pai. Os homens do meu pai limitaram-se a ficar sentados, à espera de o verem sangrar até à morte. Os vietnamitas tiveram de lhes implorar que levassem o meu pai de volta para a base. O meu pai terminou esta confissão com uma pérola de sabedoria *non sequitur*, como acontecia em todas as nossas conversas:

– Filho, nunca te metas com mulheres brancas.

Tanto quanto sei, nenhum Kaufman dormiu com uma mulher branca – não por falta de fominha ou por ideiais de preservação da sua pureza racial, mas sim por medo. Via o meu pai a falar com mulheres brancas, a cobri-las de obsequiosos «Sim, senhora» com o olhar errante a tentar fixar-se algures atrás das orelhas delas. Se a Primeira Dama passasse despida em frente ao meu pai com o documento original da Constituição colado às costas como um leiteiro a dizer «Dá-me um pontapé», o meu pai nem viraria a cara. A última coisa que queria ver era um rabo flácido e uma multidão encapuçada a persegui-lo de volta à Pretolândia.

Nos dias em que tinha a minha guarda e dávamos os nossos passeios até às corridas de *dragsters* de Pomona, o meu pai contava-me como voltou da guerra e conheceu a minha mãe numa corrida de *stock cars*. Apaixonaram-se imediatamente: eram os únicos dois negros no mundo que conheciam os últimos cinco vencedores do Daytona 500 e que reconheceriam o Big Daddy Don Garlits se o vissem na rua. Depois, punha o braço à minha volta e dizia:

– Não achas as mulheres negras exóticas?

Reza a lenda que os Kaufman são como um clube masculino de autopolinização autogâmica. Não há supermulheres Kaufman com bom ar. Não há heroínas poéticas cobertas com panos tribais a esticarem os cheques da Segurança Social daqui até à lua. Não há mulheres negras núbéis capazes de endireitar um negro com um jeito de pescoço e um «Atina-te» mordaz. As mulheres que se aliaram ao legado Kaufman são invisíveis. A sua existência e contributos foram cortados como o nariz largo da esfinge, assimilados pela mística de uma impotência astronómica. De vez em quando, o nome de uma mulher escapava tangencialmente dos lábios da minha mãe, como uma nota de rodapé na parábola de um doido, apenas para se dissipar no vapor dos vegetais ao lume. O fabuloso *daiquiri* de banana da Tia Joni. O *touchdown* vencedor da Meredith contra o Madame C. J. Walker High. A coleção de discos do Perry Como da Amy, a segunda mulher do Giuseppe. A prima Madge, de pele cor de bolo ensopado em leite. A estes *cameos* históricos seguiam-se sempre os comentários displicentes da minha mãe: «mas isso não é importante» ou «mas não falemos disso». Sempre me perguntei onde é que os meus antepassados encontravam mulheres negras com nomes como Joni, Meredith e Amy. Quem eram estas mulheres? Seriam mais fracas do que os seus homens ou seriam os proverbiais eixos das rodas familiares negras? Passei horas a folhear álbuns de fotografias, com medo de estar destinado a casar com uma negra licenciada na Mormon Brigham Young University chamada Mary Jo e de me tornar no porta-voz da Coors Brewing Company. Dizem que a maçã nunca cai longe da árvore, mas eu tentei rolar para o mais longe possível dela.

«Se um magnata do cinema comprar os direitos cinematográficos da minha vida, a sinopse da *TV Guia* dirá:

Na luta pela liberdade, um jovem poeta relutante convence os negros americanos a abandonarem a esperança, e a matarem-se num final trágico e explosivo. Cheio de gargalhadas e diversão. Alguma violência e linguagem não indicada para crianças.»

Gunnar Kaufman, descendente de uma longa linha de homens que detesta, desde escravos a cobardes que ajudaram a assassinar Malcolm X, viveu a sua infância protegido na tranquilidade branca de Santa Monica, longe de problemas. No entanto, depois de ele e as suas irmãs se terem recusado a ir para um campo de férias para crianças negras «porque elas são diferentes de nós», a mãe muda-se imediatamente com eles para a zona oeste de Los Angeles, de modo a que os filhos estejam em contacto com a cultura que começam a negar.

E é assim que Gunnar, futuro poeta, péssimo dançarino, conquistador avesso e fenomenal jogador de basquetebol, dá por si a aprender a ser quem é entre os gangues, os motins, os estereótipos, a violência e a beleza das ruas e da *vida negra* nos Estados Unidos dos anos 90.

Primeiro romance de Paul Beatty, *A Dança do Rapaz Branco* é uma comédia literária caleidoscópica sobre um afroamericano incomum à procura da sua identidade numa América caricatural mas, de algum modo, estranhamente familiar.

«Um daqueles romances repletos de energia e de uma linguagem deslumbrante. Beatty é um escritor de imaginação fértil a seguir.»

The New York Times



ELSINORE

entre nós e as palavras

20|20 editora

ISBN 978-989-8864-25-3



9 789898 864253

Literatura Traduzida

YOU ARE WELCOME TO WWW.ELSINORE.PT